

*Betty Milan*

# CONSOLAÇÃO

ADEUS

VOCÊ DEIXA O BRASIL e se casa em Paris com o homem dos seus sonhos. Vinte anos depois — vinte anos... isso não é nada — o corpo está num caixão. Vestido de *smoking*, conforme o último desejo. Para você se perguntar se a vida para ele foi uma festa ou se a grande festa é a morte.

O que me deixa inconsolável é o sofrimento de Jacques. Impossível convencer o médico a abreviar a agonia. Como se escolher a hora da própria morte não fosse um direito de quem não pediu para nascer. Como se fosse humano deixar que o homem se degrade até se tornar um encefalopata diante de todos. Um demente, Deus meu!

Imobilizado no leito do hospital, Jacques delirou até entrar em coma. “— Cuidado, os alemães vão te pegar”, ele dizia para Alex, numa última tentativa de proteger o filho. “— Os nazistas são capazes de qualquer coisa. Nunca dê o seu endereço a ninguém.” Ou, voltando-se para mim: “— Por que você não vai ao cinema, Laura? Vai tomar um drinque em vez de ficar no quarto. Tem um bar no andar de baixo. Aqui, neste hotel, tudo é de primeira.”

Depois, já em coma, arfou até morrer diante dos nossos olhos, martirizando-nos com sua presença ausente e a inspiração abrupta, um corpo que já não pertencia a ninguém e ainda não era o de um morto.

Por que fomos obrigados a passar por isso?

— Metástase no fígado, me diz Jacques no telefone. Como se um marido pudesse contar isso para a esposa assim, sem mais nem menos. Não pode, mesmo quando é médica.

*Metástase no fígado.* A frase explode no meu ouvido.

— O que significa isso, Jacques?

Só ouço o silêncio. A perna esquerda treme, desgovernada. Aperto o joelho contra a parede e continuo no telefone. Acaso se trata de mais uma das fantasias de Jacques, que sempre se comportou, no dia a dia, como se estivesse no teatro? Confundir a realidade com a imaginação é uma forma de loucura. Sei disso. Mas sempre gostei de vê-lo entrar em casa como se entra em cena — como o suntuoso Jacques B., cabelos prateados e traços femininos, o Narciso em quem eu me espelhava. Fui cúmplice da loucura. E daí? O mundo não é um teatro de loucos? Ele que se comportasse como bem entendesse. Como um galã ou um vilão. Neste caso, era só não dar ouvidos.

— O que aconteceu, Jacques?

— Aconteceu que eu tenho uma metástase no fígado, Laura.

O tom é de padre dando a extrema-unção.

— E você sabe disso como?

— Porque o radiologista falou, ele viu na radiografia.

— Não é o radiologista, é o clínico que dá o diagnóstico. Vamos lá.

— Por que “vamos”? Vou sozinho.

*Metástase. Me-tás-ta-se.* A palavra ressoa, não para de ressoar. Ouço *metáfora, metonímia...* a professora de português. “— Quem sabe o que *metástase* significa levanta a mão.” “— Sei, eu sei. Significa atribuir a responsabilidade a um outro.” Mas não foi nesse sentido que Jacques usou a palavra.

Nada é pior do que o diagnóstico de um tumor à distância. Metástase do câncer de pulmão que eu não parei de prever e não pude evitar. Por nada ele deixou de fumar. À maneira de um galã dos anos cinquenta, e, durante cinquenta anos, fumou. Como se a fumaça fosse uma aura.

O que me resta senão suportar e não morrer com Jacques, que dizia: “— Fumar mata, eu sei. E viver, não mata? Melhor teria sido não nascer. Minha mãe me infligiu a vida.” Dizia isso, acrescentando à última frase o nome do seu autor: Chateaubriand.

O TELEFONE NOVAMENTE. Jacques foi internado. Vou para o hospital, saber do que ele precisa. De táxi eu não chego... melhor de metrô. Dez minutos para ir até a Place de la République. De lá eu sigo para a Porte de Saint-Ouen... Hôpital Bichat.

Por que será que Jacques foi para esse hospital? Bichat, anatomofisiologista, eu li na faculdade. Para ele, “a vida é um conjunto de funções que se opõem à morte.” Nunca entendi essa definição. Prefiro a de que Jacques gosta: “A vida não passa de uma sombra ambulante.” *A walking shadow...* A frase de Shakespeare agora ficou clara.

No Jardin du Temple, os patos no lago continuam indiferentes à própria sorte. As árvores de outono se despedem da copa, exibindo folhas amarelo-translúcido-cintilantes, quase irrealis. Também há folhas cor de ameixa, cor de limão e de caramelo. Outras que evocam o verão, verde-opacas.

Pelos tantos chineses nos bancos e os outros tantos se exercitando no *tai chi chuan*, o jardim mais parece um reduto da China. Duas velhas fazem a marcha do gato, levantando o pé e se apoiando no calcanhar. Mais leveza é impossível. De dar inveja em quem se arrasta para o hospital. Um jovem chinês faz

o vinte e quatro, esfrega as nuvens, penteia a crina do cavalo, pega o passarinho no ar. O mestre corrige sem dizer nada. Mostra ao aluno o movimento certo. Só fala quando ensina um exercício novo: “— Com esta mão você afasta o adversário e com esta você se protege... Utiliza a força do outro para fazer o outro se desequilibrar.” Afasta o adversário com a mão... Se eu pudesse afastar a doença assim.

Onde está a Porte de Saint-Ouen? O tamanho da letra no mapa é minúsculo. Merda! Além de tudo, eu não enxergo bem. Com a notícia da metástase, a vista baixou ainda mais. Por sorte, quem procura acha. De République para Gare Saint-Lazare, direção Pont-de-Sèvres. De Saint-Lazare para Porte de Saint-Ouen, direção Saint-Denis.

— Salada nesta lata de lixo? Será que tem?, se pergunta o *clochard* em frente ao metrô. — Uma saladinha e até um garfo.

O homem tira uma caixinha de plástico e deixa a lata aberta. Garfadas tamanhas que ele engasga. Vomita na calçada. Limpa a boca com o dorso dos dedos. Depois, esfrega na camisa. Funga, arrota e protesta: — Vou ter que começar tudo de novo... puta que pariu!

Parece até que estou em São Paulo. A cada esquina, um sujeito que escarafuncha o lixo. Mexe, remexe, tira uma coisa, joga, tira outra, xinga, não é exatamente o que ele quer. Só que lá não é *clochard*, é pobre, se é que a diferença ainda existe.

Desço na Saint-Ouen e vou andando. Funerárias dos dois lados da rua, *Pompes Funèbres*, caixões, placas para o túmulo, *corbeilles* de rosas brancas ou vermelhas, *repousa em paz* ou *eu te amo*. Do enterro, Jacques não falou no dia do casamento. Ninguém fala, é só festa, vestido de noiva, buquê e bolo de coco. Vestido de noiva ele não quis, porém exigiu que não houvesse preto na roupa, nem um só botão, nem um fio de linha. Nada que evocasse o fim.

Na recepção do hospital, fico sabendo que ele desceu para o oitavo. Por quê? Desistiram de tratar? Pudessem eu ir embora. Como se não fosse comigo. Mesmo porque não pode ser comigo. Impossível que seja. O elevador sobe rangendo. Ouço o grito da gaiivota quando ele para no sétimo andar, o grito trágico. Será que apertei o botão errado? Ninguém entra, mas todos me encaram. Ou talvez seja só imaginação.

No oitavo, eu desço e procuro o quarto. Fica no fim do corredor, longe do elevador. Ao me ver, Jacques se senta de cueca na beira da cama... uma faixa amarrada na perna. Por que isso? Depois, como se nada houvesse, fica balançando os pés. De tão magros, parecem duas meias penduradas num varal. Finjo que não vejo a mancha roxa no seu rosto e pergunto:

- Que tratamento os médicos vão fazer?
- Estão estudando o meu caso.
- Como assim?



— Fizeram uma radiografia do esôfago e não acharam nada. Vão fazer de novo, não sabem o que eu tenho.

— Vão fazer de novo quando?

— Não sei, Laura. Não consigo comer e você aí me fazendo perguntas.

— Não consegue por quê?

— É só comer e eu vomito.

Jacques afunda a cabeça no travesseiro, vira para o outro lado e se fecha em copas. Só me resta falar com a médica, que infelizmente não está. Com o plantonista não adianta. Atravesso o corredor sem ver o que olho e sem saber do meu corpo, que ficou no quarto.

NA MANHÃ SEGUINTE, o mesmo caminho do hospital. Com o filho, agora, com Alex. Porte de Saint-Ouen e a rua das funerárias. Cada uma parece me dizer: “Escolha um caixão.” Vontade de sair correndo, escapar da imagem que me assalta. Jacques de *smoking* no caixão. Vestido para uma festa da qual só participará com o próprio cadáver. Só o seu desapego pela vida me consola. Para Jacques, pouco importa morrer cedo. O

envelhecimento não é compatível com a desmesura de que ele sempre precisou para viver.

Na porta do hospital, Alex pega a minha mão e aperta na dele.

— Não, mãe... eu não quero entrar.

Não quer, claro... quinze anos, um garoto. Mas precisa ver o pai, não pode ficar aqui.

— Vem, querido, eu entro primeiro e você espera até eu chamar.

O quarto se encontra no escuro, mas Jacques percebe que eu entrei.

— Laura?

— Eu, sou eu.

— Abre um pouco a cortina.

Abro. O cabelo de Jacques, que sempre foi branco, está amarelo. Por si só, de tão bem cuidado, era uma festa. Com a luz do dia, o que eu vejo é o descuido, a doença. Respiro e pergunto se Alex pode entrar.

— Claro.

— Me diz antes como você está, Jacques.

— Ótimo. Um campeão olímpico. Pode crer. Três nódulos no esôfago...

— Que nódulos são esses?

— Não sei.

— O que o médico disse?

— Os exames ainda não estão prontos. Mais alguma pergunta, Doutora?

— O médico devia ao menos ter dito...

— Devia, devia...

— Conheço os meus colegas, eles sonegam a informação. O poder é o poder. Sem o segredo, ele não existe.

— Não delira, Laura, eles estão cuidando bem de mim. A médica já veio me visitar duas vezes e o interno vem todos os dias. O meu filho... diz para ele entrar.

Do lado de fora, Alex está sentado com a cabeça entre as mãos. Chamo e ele me olha, desconsolado. Depois, entra, o passo precavido.

— Bom-dia, filho. Você vai bem?

— Bem é exagero.

— O que é que você está estudando?

— A guerra de 1914. O governo francês requisitou o ouro das famílias para financiar a guerra...

— Verdade, e foi a causa da tragédia da mãe do meu pai. Deu o seu ouro todo, e, em 1918, o marido morreu de gripe espanhola. Ela ficou sem nada... teve que voltar para a casa dos pais.

— Você sofreu com a guerra?

— Tive sorte durante a Segunda Guerra. Estava no sul da França quando a coisa começou. Tinha três anos e o seu tio, dois. Mamãe andava vinte quilômetros de bicicleta, todo dia,

para trazer o queijo e os ovos. Vovó plantava as verduras e os legumes. Tudo era feito em casa, inclusive a linguiça, o presunto e o patê. Vivíamos com medo. Mas os alemães só chegaram em 1942. Os padres do colégio, onde estudávamos, foram avisados de que ia passar a Divisão Charlemagne, uma divisão SS, que vinha do sul em direção à Normandia. Tinha cometido várias atrocidades.

— Quais?

— Cinquenta pessoas enforcadas em Tulle para aterrorizar os *maquis*. Trancaram as mulheres e as crianças numa igreja e puseram fogo... Oradour. Isso, depois de terem fuzilado os homens e queimado as casas. Os padres do colégio nos acordaram, no meio da noite, e nos levaram para um lugar onde os alemães não tinham como chegar. Pernoitamos no bosque. Quando a divisão entrou no colégio, perguntando pelos alunos, o único padre presente disse que estavam todos numa excursão. Fomos salvos assim.

— Quem mais na família sofreu por causa da guerra?

— Em 1914, meu avô alsaciano, o avô materno, desertou e foi preso.

— Desertou do exército francês?

— Não. A história é complicada, Alex. Desertou do exército alemão. A Alsácia pertencia à Alemanha e os alsacianos eram obrigados a lutar do lado dos alemães. O meu avô, que

era francês de coração, desertou com a ideia de se engajar no exército francês. Não conseguiu.

— Por quê?

— Tiveram medo de que o meu avô fosse um espião.

— E daí?

— Ele foi parar num campo de prisioneiros, ficou dois anos.

— Teve a coragem de desertar e foi tomado por um espião!

— Guerra é isso, Alex.

— E na Segunda Guerra Mundial? O que aconteceu na família?

— Morreu um primo meu... por ironia da sorte. Estava em Londres e voltou para ajudar a mãe. Foi capturado pelos nazistas.

— Verdade?

— É... Obrigado a se integrar no exército alemão e enviado para o fronte russo. A última carta dele veio da Pomerânia Oriental. A mãe quase enlouqueceu. E teve ainda um tio que escapou dos alemães, pulando no lago de Constança. Foi perseguido por uma patrulha e só se salvou por ser um grande esportista. Atravessou o lago a nado no inverno. Podia ter tido uma hipotermia e morrer. Conseguiu chegar na fronteira da Suíça. Aí, teve a sorte de ser ajudado por um guarda da fronteira.

— Como foi?

— O guarda estendeu o fuzil. Meu tio se agarrou na ponta e o súço puxou até que ele conseguisse sair. Depois, o tio voltou clandestinamente para a França e se tornou chefe de um *maquis* alsaciano, um combatente.

— Um herói de guerra, pai.

— Uma vítima, digo, evitando o lirismo. — Sofreu como os outros na família do seu pai. Seja como for, família nenhuma escapa. O meu pai morreu de câncer quando eu tinha vinte... morreu com menos de cinquenta. Foi radiologista na época em que não existia proteção contra raios X.

— Não existia proteção?

— Não, Alex. No Brasil, não.

— Uma tragédia, murmura Jacques, deitando-se novamente.

Sei do esforço que ele fez para estar presente. E sei também, depois da conversa, que nunca houve nada a fazer para que Jacques parasse de fumar. Podia um descendente de heróis temer a morte? “— O cigarro mata mesmo? E daí?” Foi educado para enfrentar a morte... fazer pouco do perigo. Não foi para a guerra, mas também morreu por causa dela.

A VISITA é suspensa durante dois dias. No terceiro, a médica telefona.

— Aqui fala a médica responsável pelo seu marido. Do Hospital Bichat. Os exames já foram feitos e a senhora pode vir quando quiser. No horário de visita, claro.

— Obrigada, vou hoje mesmo.

Vestido claro e maquiagem delicada... discreta e luminosa para a visita. Como se estivesse sendo esperada! No quarto, Jacques dorme e ronca, tomando soro na veia. Ao me aproximar, percebo que está com uma sonda gástrica e a mancha roxa na bochecha aumentou. Passo repetidamente o dorso da mão na sua testa.

— Você, Laura?

— Eu, claro. E você?

Depois de um longo silêncio: — Câncer no esôfago.

— O quê?

— Um segundo câncer. Só eu seria capaz deste prodígio...

*Prodígio...* ele agora faz pouco de si mesmo. Não sei o que dizer. Bendigo a chegada de Yves no quarto. O irmão.

— Bom-dia, Jacques.

— Aqui não tem bom dia, Yves. Não perca o seu tempo comigo. Não vale a pena ficar. E vê se leva Laura com você.

Yves fica petrificado na porta do quarto. Até a enfermeira entrar esbarrando nele e já dizendo: — Você precisa sair. Você e ela. Os dois. Ou eu não faço a toailete do doente, a barba, a higiene bucal. Ele não quer? Quer, afirma ela, voltando-se com um sorriso inoportuno para Jacques.

Nós saímos. Quem ousaria contrariar a enfermeira do Hospital Bichat? No corredor, Yves me diz em voz baixa: — Meu irmão quer ser enterrado de *smoking*.

— Sei disso.

— E tem mais... com o rosto voltado para o leste, Laura.

— Como assim? Não entendo.

— O corpo deve ser disposto no túmulo de modo que o rosto esteja voltado para o leste... os alemães vêm de lá.

Não teria acreditado no que ouço se não conhecesse o meu marido. Tomou mais uma vez a realidade por um teatro, transformando o espaço do cemitério no cenário de uma peça, distribuindo os papéis e marcando a posição dos atores. “Você a leste e eu voltado para você. O invasor alemão aí, o francês da Alsácia aqui. Frente a frente. Para que eu possa vingar o avô, a avó, o tio...”

Mas será mesmo que Jacques quer se vingar ou será que ele se vale da própria morte para lembrar que a guerra não deve ser esquecida?



OS MÉDICOS NÃO VÃO FAZER quimioterapia. Dou graças. Só o que faltava seria prolongar a vida de quem sempre ridicularizou os que se acovardam diante da morte. “— Um minuto, pelo amor de Deus, senhor carrasco.” Antes de ser guilhotinada, Madame du Barry pediu um minuto.

O que eu desejo é o fim da agonia. Sei o que fizeram no hospital com outro canceroso que entrou em coma. Um câncer de estômago. Seis semanas com oxigênio e morfina. Para o médico examinar os órgãos todos, o fígado, o pâncreas, o intestino...

Estou no banho quando a Doutora telefona. Ouço o recado na secretária eletrônica: — Melhor não vir hoje. O seu marido está agitado. Inclusive tirou a sonda gástrica.

Se o doente tira a sonda é porque está agitado. Não ocorre a eles que Jacques pode simplesmente não querer mais, que a paciência tem limite. Vou amanhã cedinho... ele não pode passar pelo que o outro canceroso passou. O corpo dele ninguém vai cortar e suturar, cortar e suturar... isso eu não quero.

Na primeira hora, eu sigo para o hospital. O filho está comigo.

— Não entendo por que os médicos prolongam assim a vida da pessoa, me diz Alex, pouco antes de chegarmos. A isso, ele acrescenta no corredor: — Se o pai tirou a sonda, é porque ele não quer mais viver.

Exatamente o que eu penso. Como é possível? Nós dois jamais conversamos sobre o assunto. Não sei o que responder. Pego na sua mão e aperto até entrarmos no quarto.

Jacques não se dá conta da nossa presença. Segue atentamente, com o indicador no ar, algo que só ele vê. A cabeça acompanha o dedo e se volta para a porta, onde nós, surpreendidos, permanecemos imóveis, esperando que ele nos veja. Alex enfim se aproxima do pai, que se assusta, porém logo diz: — Belo menino.

Alex conta do estágio que conseguiu.

— Um estágio? Cuidado, hein... Não dê o seu endereço a ninguém. Nunca esqueça que os alemães fuzilam sempre na mesma hora... a precisão é tamanha que a hora do fuzilamento serve para acertar o relógio.

Desconsolado, o meu menino beija o rosto do pai e se afasta. Fico eu ao lado da cama.

— Onde é que nós estamos, Laura? Para onde vamos?

— Descansa, digo, acariciando a sua cabeça. Até que ele durma. Deixo Alex aterrado e saio à procura da Doutora. Está no Centro de Atendimento, sozinha.

— Bom-dia, Doutora.

— Bom-dia. A senhora é?

— Laura, Doutora Laura B... sua colega.

— Seu marido está com insuficiência renal e insuficiência respiratória. Por causa da infecção...

— Sei das insuficiências pelas sondas, mas que infecção é esta?

— Pulmonar... nós já estamos dando antibiótico.

— Antibiótico? Como assim? Jacques não quer mais continuar, não aguenta mais ... Não foi por acaso que ele tirou a sonda.

— Porque está agitado.

— Não, ele tirou a sonda porque não tem mais esperança... sabe que não vão fazer quimioterapia.

— Seja como for, ninguém aqui está fazendo nada para prolongar artificialmente a vida do seu marido... deixar de tratar eu não posso.

*Ele está agitado.* Não, não está, Doutora. *Ninguém está fazendo nada.* Está, sim. O antibiótico então não é nada? Prolonga a vida. Onde está a cabine telefônica? Vou telefonar já para Yves, ele é advogado, pode me ajudar.

— Yves? Sou eu. A Doutora está dando antibiótico para o seu irmão.

— E daí? O que você queria que ela fizesse?

— Que ela suspenda o tratamento contra a infecção. Quanto

menos a agonia durar, melhor. Você sabe o que Jacques e eu pensamos disso. Sempre fomos contra o prolongamento inútil da vida.

— Sei. Mas a médica pode ser acusada de eutanásia, Laura.

— Isso não é eutanásia... Suspendendo o antibiótico, ela não estará fazendo nada para o seu irmão morrer... estará apenas deixando de manter Jacques vivo artificialmente.

— O que você está pedindo se chama eutanásia passiva. A suspensão de todos os remédios, com exceção dos paliativos, é eutanásia, sim. A Doutora pode ser punida por omissão de socorro e até por homicídio.

— Deus! Estou simplesmente pedindo para ela parar com o furor terapêutico. Você é advogado, eu sou médica. Nós temos o direito de não tratar quando não adianta. No caso de Jacques, não se trata de omissão de socorro. Porque a morte dele é certa. Só se pode falar em perigo de morte quando a morte pode ser evitada. Três nódulos no esôfago, além das metástases no fígado, insuficiência respiratória e renal...

— Mas o coração bate e ele não está em coma, Laura.

— Coitado. Ninguém merece ter consciência da própria desagregação, sobretudo ele, que sempre teve horror a isso. Você sabe, Yves. Não entendo por que o seu irmão não fez um testamento para impedir o furor terapêutico

— Na França, ninguém pode fazer esse tipo de testamento.

— Nos Estados Unidos pode. Se eu soubesse que a médica

ia dar antibiótico, teria levado Jacques para casa. A dose certa de morfina e esse sofrimento acaba...

— Isso dá cadeia, Laura. A eutanásia ativa é punida aqui na França com trinta anos de reclusão.

Desligo o telefone revoltada. Vou buscar Alex, que ficou no quarto. Sentado ao lado da cama, ele segura ternamente a mão do pai. Ponho a minha em cima da sua e nós ficamos assim até o fim da visita.

Na rua, meu filho se abre: — Esperei até agora que o pai me desse uma prova de amor.

— As provas são para os atletas, filho. O amor dispensa provas.

— Dizer que a gente ama é importante, mãe... ele nunca me disse.

— Porque foi educado para ser herói de guerra, e não para fazer declaração de amor...

DURMO E ACORDO com a palavra *eutanásia*. *Euthanos...* a boa morte. Por que a boa morte é proibida? Por que a lei obriga o homem a sofrer? *Gemendo e chorando neste vale de lágrimas*. Mais que isso: Bendizendo a nossa dor. A dor é o castigo benedito de Deus... ela expurga o pecado do sexo. A mulher que amaldiçoasse as dores do parto era condenada à fogueira pela Inquisição.

Jacques não pode comer, beber, urinar e respirar naturalmente. Sabe que não há mais nenhuma esperança e não quer continuar. Seria tão fácil liberar Jacques... Basta recusar o furor terapêutico. Mas a Doutora tem medo. Por que isso? Ninguém está aqui para denunciar quem quer que seja. Não tenha medo, Doutora.

Pouco depois do café, o telefone toca, é Yves.

— Estou indo agora para o hospital. Quer vir comigo?

— Quero. Passa daqui a meia hora.

Quando entramos no quarto, a enfermeira acaba de fazer a enésima higiene bucal. Enxuga bruscamente o lábio inferior de Jacques, cuja mucosa se despreza e fica grudada no lenço de papel. Fecho os olhos exasperada.

— Isso não é nada. Acontece todo dia, me diz a enfermeira, depois de dar um tapinha no maxilar inferior de Jacques, que pende mais para a direita. Ela enfim sai e eu acaricio o

rosto cavernoso e o dorso da mão, que ele abre e fecha para me saudar. Antes de esticar o pescoço como quem procura alguma coisa.

— O que há querido?, pergunto, com medo do olhar assustado dele.

— A enfermeira...

— Você quer que eu chame?

— Quero que ela não cuide mais de mim.

— Vou tratar disso, prometo.

Falo vendo que a boca dele sangra e lamento a nossa sorte. Ele, pregado no leito, eu não podendo parar de ver esta mesma cena.

Sem mais nem menos, Jacques levanta o braço e sua mão pende como uma luva.

— Você não está nada bem, meu irmãozinho, diz Yves. De tão magro, parece o Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, mas eu vou cuidar de você.

Uma voz do além, Jacques inesperadamente responde: — Sobretudo, não esquece do que eu pedi... o meu rosto voltado para o leste.

Depois, os olhos fechados, sem a força do seu desespero: — Quero me matar, me matar...

— *O rosto para o leste*, a última vontade, murmura Yves. — Quando eu tiver feito o que Jacques me pede, haverá muitos assuntos sobre os quais eu nunca mais poderei falar

com ninguém. Além de ser meu irmão, ele é meu duplo. Com ele, eu enterro uma parte de mim.

Yves vai chorar. Acaba de se dar conta de que não há mais esperança. Não quero me comover, não posso. Preciso convencer a Doutora a fazer o que deve ser feito. A Doutora ou o médico-chefe. Alguém tem que levar em conta o *Quero me matar*, tem que ajudar Jacques e me ajudar.

— Por favor, Doutora.

No Centro de Atendimento, ela examina o prontuário de outro doente, mas aceita falar comigo. Como se tivesse alternativa.

— Sim, diga.

— O meu marido... ele não aguenta mais... quer se matar.

— Eu já disse que não estou fazendo nada para prolongar a vida dele.

— E o antibiótico é o quê? Se não for suspenso, Doutora, eu levo Jacques para casa... levo o meu marido embora.

A médica me olha fixamente e, depois de um silêncio prolongado, diz: — Com novecentos de creatinina, a morte não tarda. Vou suspender o antibiótico.

Se não tarda, por que a Doutora não aumenta a dose de morfina? Inútil pedir. Vai dizer que não pode. O que importa para ela não é aliviar o sofrimento, é não infringir a lei.



ANOITECE CEDO. Quando Alex chega da escola já está escuro. Estranho o olhar do meu menino.

— O que houve?

— Yves disse que papai não diz coisa com coisa, mas me chamou três vezes.

— Vem, senta, filho.

Alex aperta a cabeça entre as mãos e chora.

— Por que só eu tenho que passar por isso? Os outros têm pai.

Lembro que, de pequeno, sempre que Jacques viajava, Alex me pedia para não apagar a luz do quarto. “— Não apaga, mãe, que é para eu não me esquecer dele”. Repito em voz alta o pedido e acrescento: — Basta não se esquecer do pai que ele continua com você.

Com isso, Jacques se torna presente. Diz: — Imaginou que nunca mais fosse me ouvir? Ora... Os moribundos e os mortos também falam. Os vivos é que não ouvem. Talvez precisem da surdez para viver. Seja como for, vê se cuida bem do meu menino. Não esquece de contar que o batismo fui eu que fiz. Que ele não foi batizado no batistério, mas na sala de jantar. Com dente de alho esfregado nos lábios e gota de conhaque na língua. Para aprender a degustar e querer os prazeres... na

tradição de Rabelais. Gargântua já nasceu pedindo bebida, gritando: *À boire*. Lembra?

*Uisque* de um gole para me acalmar. A fala de Jacques significa que a hora do fim chegou. Amanhã, Alex vai comigo ver o pai. Vamos de táxi. Tenho que levar o *smoking* e trazer a roupa.

— Amanhã é quarta-feira, mãe. Posso ir com você.

— SEMPRE QUE EU VENHO AQUI, penso em São Pedro, me diz Alex na porta do hospital. São Pedro está demorando muito para abrir a porta do céu.

Enfrentamos juntos as funerárias, o elevador e o corredor até o quarto. Jacques agora está amarelo, vive acordado o seu fim. Basta me ver que ele faz menção de tirar o oxigênio. Depois pergunta: — O que é que nós estamos esperando?

Saio, buscar a Doutora.

— Por favor, venha comigo, é urgente. Precisa ser logo.

Ao ver a médica, Jacques tenta falar e não consegue.

— Fala agora. Diz para ela o que você acaba de me dizer.

A Doutora me olha perplexa e, se nesse preciso instante Jacques não tivesse tirado o oxigênio, ela teria me dado as costas.

— O que é que nós estamos esperando?, pergunta ele num tom quase inaudível. Depois, fecha os olhos para não mais abrir naquele dia.

— A senhora ouviu?

— Ouvi, mas a pergunta pode significar muita coisa...

Deus meu! Só pode significar que ele quer morrer. Além de perguntar, Jacques tirou as sondas. Primeiro, a gástrica, e agora a do nariz. O significado dos dois gestos é o mesmo. Não há mais como ter dúvida. Se a Doutora aceitasse aumentar a morfina... . Vai me dizer que ele está com morfina e sedativo, que não tem dor nem angústia. E a dor moral, não conta, Doutora? A consciência da própria decrepitude? Como é possível negar o direito à morte a quem está no fim e só quer morrer?

Desisto e volto para o quarto, onde encontro Yves.

— Cadê o meu filho?

— Saiu. Acabou de sair.

De repente, sem mais nem menos, Jacques diz: — É boa essa. Não tem pra mais ninguém. Mas ela é uma puta. E a sua também é. Garanto, eu garanto.

— De quem o seu irmão está falando, Yves?

— Não sei, Laura. Não faz sentido. Já falou isso ontem. É uma encefalopatia.

— Uma encefalopatia?

— A Doutora não te disse?

Quando acordo, estou na maca do corredor. Yves ao meu lado. Peço que me leve para casa. Não quero assistir à deriva total. Jacques encefalopata... foi o mais lúcido de nós. Há dias que ele se recusa a absorver o que quer que seja, arrancou a sonda. Assim que os médicos decidiram não fazer a quimioterapia. A partir daí, a única conduta razoável teria sido facilitar o fim. Cuidar da vida é isso... ou melhor, cuidar da vida humana. Jacques não está sendo tratado como um homem, mas como um animal... Por que a Doutora não leva em conta o que ele diz? A liberdade do paciente, para ela, não existe. Como não existe para Bichat: “A vida é um conjunto de funções que se opõem à morte.”

Estou de mãos amarradas. Não posso fazer por Jacques o que nós nos prometemos. Se um ficasse gravemente doente, o outro impediria que sofresse em vão, não deixaria que sua vida fosse prolongada. Ele e eu também nos casamos para que um desse ao outro essa proteção, a garantia de uma boa morte.

SETE DA MANHÃ. O telefone toca, é Yves.

— A Doutora quer nos ver no hospital, Laura. Tentou falar com você e não conseguiu. Se você preferir, eu passo aí.

*A Doutora quer nos ver...* Hora de encomendar o caixão. Que angústia!

— Passa, Yves. Meia hora e eu estou pronta.

O hospital é o destino de todos os meus dias. Atravessar corredores glaciais. Viver no compasso da resistência do corpo de Jacques e amargar na boca o gosto de fêl. A certeza da morte e a espera. Vai ser vestido e maquiado para o enterro. Que ideia! Podia ser incinerado. Não, claro que não podia. Não ia abrir mão da última cena. Se a vida não fosse um teatro, não seria nada para ele. Mas quando e como ele pensou no enterro? Quantos pensamentos mórbidos? Quantas horas negras?

No hospital, nós temos que ficar na sala de espera. A enfermeira prepara o “doente”, Jacques, que está com uma fibrilação contínua nos lábios.

— Pobrezinho, diz Yves. — Não bastava ter ficado amarelo? Agora você está cor de cenoura. Uma cor de que você gosta muito, mas não combina com você, com o seu cabelo branco.

Yves acaricia a cabeça do irmão antes de me dizer: — Ele me reconhece, só que não responde.

Jacques tenta falar, mas engrola a língua e não diz nada.

— Você se lembra do apartamento da rua Cavalotti?, pergunta Yves, que é surpreendido por uma resposta: — Melhor aqui. Ag...

— O quê?

— Ag, Aga...

Ele quer água, digo com impaciência. Yves molha a ponta da toalha no álcool e passa nos lábios do irmão, que faz uma careta.

— Me enganei, diz Yves, desesperado. — Merda!

Não, não houve engano. Álcool e fogo para acabar com ele, conosco, com o hospital. A Doutora, cadê? A família está de quatro.

Jacques franze o sobrolho e articula: — Para o leste.

O COMA. Jacques só está vivo porque o coração bate. Saio de novo para ir ao hospital. Talvez seja a última vez. Na rua Saint-Ouen, entro na primeira funerária. Há diferentes caixões e coroas. O mais simples é o melhor.

Felizmente, não sou eu que vou vestir Jacques. Vestir o cadáver, lembrando do corpo? Quem se ocupa do cadáver é um funcionário do hospital. Se tivesse que fazer isso, daria um tiro na cabeça. Chorar também não vou. Lágrima, só se for de gelo. Além disso, eu não posso chorar. Jacques não é um mediterrâneo... é um homem do norte, não gosta de carpideira. Assim que ele for enterrado, Alex vai para a casa do tio e eu tomo o avião para São Paulo. Se Alex e eu ficarmos juntos, nós só vamos falar do pai e da sua agonia, vamos soçobrar.

Conforme o combinado, ele me espera na porta do hospital.

— Bom-dia, mãe.

— Faz tempo que você está aqui, filhote?

— Meia hora.

Não explico que me atrasei por causa da escolha do caixão. O mito o detalhe funesto, ele não precisa saber.

No quarto, Jacques é um corpo atormentado, o peito que se avoluma e se esvai, inspiração profunda e irregular. A última luta do corpo pela vida. Antes de morrer, o homem já se foi.

— Pode pegar o relógio, Alex.

— E ele, mãe? Não vai precisar?

— Não, filho. O tempo dele agora é o da eternidade.

Sem acrescentar mais nada, Alex pega o relógio que está em cima da mesa e fica olhando para Jacques. Como se quisesse fazer o pai renascer.